



O CARAPUCEIRO,

PERIODICO SEMPRE MORAL, E SO' PER ACCIDENS POLITICO.

*Hunc sercare modum nostri novere libelli
Parcere personis, dicere de vitiis.
Marcial Liv. 10. Epist. 33.*

Guardarei n'esta Folha as regras boas.
Que he dos vicios fallar, não das pessoas.

PERNAMBUCO NA TYPOGRAFIA FIDELIGNA DE J. N. D MELLO.

*Quatro palavras ao primeiro Nu-
mero do ERADE, Periodico
da Bahia.*

*Benedicite, P.º Mestre. Veio me ás
mãos o 1.º N.º do Periodico de V.
Caridade, ou Paternidade, Beveren-
cia, ou Reverendissima, e nelle pa-
rece-me ter lóbrigado o implicito de-
sejo de gabar as cousas passadas, os
tempo da Amorosa a despeito do
que se passa nos nossos dias; pelo
que talvez seja (não ousó asseverar)
d'aquelles espiritos carpidores, assim
por modo de carcundas, ou retro-
grados, que suspirão pelas cebolas
do Egypto, e só julgaõ cousa cele-
stial o Governo de hum Rei bem des-
potico, bloqueado de Fradaria ve-
lhaca, e labiosa com seu competente
sanctissimo Tribunal da Inquizaçã,*

obediencia de besta de carga, e faça
Deos bom tempo.

„Dizia se em outro tempo (diz V.
Caridade) que hum Frade depois do
professar vivia somente para a Reli-
gião; porque d'aquella hora em dian-
te era reputado morto para o seculo.,
E d'aqui parece-me, quer, que se
conclúa, que os Frades, á maneira
do rato berenita de La Fontaine de-
vem entrincheirar se no queijo, isto
he; no claustro, e ser indifferentes,
ou nullos para a causa da Liberdade
da sua Patria: mas se o Frade, arre-
mangando os santos habitos, empun-
hando hum chanfallo ferrugento se
põe á frente de hum guerrilha de
Realistas, proclama, persegue, e
mata em defensão dos intransferiveis
direitos de hum Rei absoluto; ah!
então não morreo para o Mundo;

hom Frade, que vai de accordo com o seu Instituto! Não he assim, meu Reverendo? Basta, que hum Frade escreva a favor da Liberdade de seus semelhantes para ser reputado hum relaxado, hum pedreiro livre, um impio, e quanto há de mau; porem se elle não só escreve ajojando o Throno com o Altar, endoçando os Reis, se não brandindo as armas em favor da *sagrada* Realza; não se falla mais na sua profissao, cumprio com o seu dever; e facil será encontrar na Biblia carraças de textos para provar a justiça, e sanctidade desse seu procedimento. Basta *Zelus domus tuæ comedit me* para conciliar tudo ás mil maravilhas.

E he só nos nossos dias, que muitos Frades tomão parte nos negocios do seculo? Religioso, e bem religioso era o P.^o Antonio Vieira, e foi encarregado de muitas missões, e negocios politicos em o Reinado do D. João 4.^o de Portugal. Frade era o virtuoso Fr. Lourenço de Brinhes, que teve a coragem de levar a os pés do Throno de Hespanha as queixas do Povo contra as vexações, e arbitrariedades dos Vice Reis de Napoles. E que outra coisa era, senão Frade Fr. Conrado d'Ascoli, depois canonizado, o qual além de outras muitas commissões de importancia foi encarregado pelo Papa Niculau 3.^o de terminar as desavenças entre os Reis de França, e de Castella? Quem não conhece as façanhas de Fr. João de Capistrano, também canonizado, em os negocios da Hungria, e das proezas, que fez na celebre batalha de Belgrado? Hum Fr. Jacob da Marcha não era Frade, depois igualmente canonizado, e não foi hum dos prin-

cipaes Concelheiros dos Imperadores Sigismundo, e Alberto? Que foi, se não Frade o famigerado Cardal Ximenes? E morreo para o mundo o grande S. Bernardo de Claraval, quando pregou, e dirigio huma das Cruzadas?

To los estes, e milliares de outros, que por brevidade omitto, forão Frades; existirão em tempos muito anteriores á Constituição, e ás luzes do nosso seculo; e todavia metterão-se em os negocios publicos sem que ninguém se lembrasse de lhes lançar em rosto, que tinhão morrido para o mundo, expressão mais hyperbolicamente piedosa, q' verdadeira. Por mais que a impstura tenha procurado subtilizar as suas idéas, os Frades em todos os tempos forão homens, e como taes era impossivel, que todos fossem indifferentes ás cousas do mundo, em que vivião.

Todavia faz-me V. Caridade huma injustiça, quando me considera hum cego, e absoluto detractor de tudo quanto he antigo, e panegyrista apaixonado por quanto pertence a os tempos modernos. Eu não sou em verdade nem hum, nem outra coisa; e a prova he o meu mesmo Carapuceiro, que há tomado a tarefa de censurar os vicios ridiculos do nosso seculo. Se algumas vezes também tasquinho nos antigos he por ver a perrica de certos retrogrados, que reprovaõ a eito quanto se pratica hoje, e querem impingir-nos por sanctissimo, justo, e admiravel tudo quanto fizerão os nossos Maiores. Eu não conheço crime, depravação, immoralidade, hoje praticada, de que não possa indigitar muitos exemplos na tão gabada Antiguidade.

„ Sem contrariarmos o nosso irmão Carapuceiro; (prosegue V. Caridade) limitamo-nos somente a perguntar-lhe. Existe hoje no Brazil da mesma maneira que então existia o respeito dos Templos, a modestia, e os costumes doces do Sacerdote, o poder da Religião, a Edificação, e a Piedade do Culto, a fé publica, a fidelidade, e a Disciplina do Exercito? Via se n'aquelle tempo, como hoje vemos, atacar pela imprensa pessoas, e clases sem motivos, nem razão alguma, sem escapar o mesmo Governo? Apparecerá hoje no Brazil a riqueza, e tudo aquillo em fim, que se diz o bem do Estado, como então apparecia? „ Vou responder por partes a V. Caridade, para o que peço venia com o competente *Iube Domine benedicere*. (Nós cá nos entendemos). Os costumes já foram melhores, e já foram piores incomparavelmente. Des d' o seculo 9.^o até o 16.^o chegou a relaxação a hum ponto, que mal se pode imaginar. Hum Papa (João 12) teve o despejo de formalizar hum tabella dos peccados, e o preço corrente, por que cada hum podia ser absolvido, graça vendavel de que se valeo o Cardeal de Lorena para si, e para mais 12 dos seus famulos: e a Duqueza de Bourbon teve o inaudicto privilegio de hum absolvição plenaria em expectativa, isto he; que obteve inteira licença para peccar por toda a vida, tendo em sua gaveta a remissão previa. A *monita* secreta dos Jezuitas, Cap. 14. auctorisava ao Superior para absolver previamente de sodomia, adulterio, e outros peccadinhos da mesma estôfa. E o que direi dos Frades dessas eras? Oh! que respeita-

veis garanthões! *Pivtiô mui sancta, e piedosamente* com as Freiras, donde resultava humna linda propagação de Fradinhos, que era hum paraizo. Bispos deixavam em seus testamentos tantos, e quantos para os filhos, que tinham, e para os que houvessem de ter, se a morte os não rapasse; finalmente em alguns paizes os Povos chegaram a obrigar a os Padres a que cada hum tomasse sua barregã, a fim de ficarem em paz as donzellas, as cazadas, e viúvas honestas.

Por esses tempos pouco mais ou menos (no seculo 16) o Brasil não tinha melhores costumes. Antes da conquista Olinda leza este meu Pernambuco, e a sua Bahia, meu Reverendo colega, e irmão, viviam em humna relaxação, e frascaria espantosas. A gente de grande tom nesses tempos não ia á Missa, pagava a hum pobre para ouvir por elles, e as Senhoritas já se não Confessavam; mandavam sim ás Igrejas as suas mocambos exigir bilhetes de desobriga; e o mais he, que muitos Padres tinham a frescura de lh'os remeter promptamente. Nesses tempos tão gabados havia mais exterioridade, mais casca, do que solida, e verdadeira Religião. Os meninos sabiam espivitadamente quantas pipas tinha o mar, quantos botões a cazaca de Christo, e outros despropositos do mesmo jaez; mas ignoravam quem he Deos. Os Padres, e Frades eram mais graves, mais sizudos; porém mais impostores, e perigosos. He verdade, que não frequentavam os prostibulos das mulheres mundanas, nem as tinham de mão posta com tanto descaramento, como hoje alguns as tem; mas sob a capa de virtude, e piedade,

com contas bentas, com veronicas, benzeduras, e outras sanctimonias corrompião donzellas, deshonestavaõ viúvas, deturpavaõ cazadas, tudo mui *honestamente*, e com os olhos no Ceo. Ainda hoje existem familias e familias descontentes do Vigario Fulano, do P.^e Provincial de S. Francisco, do Abbade de S. Bento, do Prior do Carmo, etc. etc; e não havia Constituição, nem quem nella soubasse no Brasil. Reinava então em toda a sua plenitude a *sãta* doutrina de Deos no Ceo, Rei na terra.

O chamado exercito d'aquelles tempos tinha com effeito toda a disciplina de besta de carga: o soldado era hum verdadeiro captivo do Aspeçada, este do Furriel, o Furriel do Cabo, o Cabo do Sargento, o Sargento do Alferes; e assim progressivamente até o Sur. Capitão General, que era hum verdadeiro Bachá. Não haviaõ *rusgas*, o Povo tinha a tranquillidade propria do captiveiro; mas hum badameco, chamado Juiz de Fora prendia por empenhos, e a quem lhe parecia, arrancava mulheres cazadas a seus maridos, que não ousavaõ tigrir, nem mugir, e com ellas viviaõ de publico: hum Dezebargador da Relação era hum Rei pequeno, e hum Capitão General tinha mais poderes, que hum Bey de Argel. Carregava de ferros por *dá cá aquella patia*; sumia em lobregas mamorras a pais de familias, degradava, assoitava, e ninguém lhe podia ir á mão. O atterro dos Afogados neste meu Pernambuco foi amassado com lagrimas, e

sangue dos miseros Povos em o Governo do Verres D. Thomaz Jozé de Mello. Este Bachá era tão desembaidado em seus despotismos, que p.^r que hum pobre homem (talvez para matar a fome) pescou hum peixinho no viveiro, que elle D. Thomaz chamava seu; mandou pendurar-lhe o mesmo peixe a o pescôço, e poz lhe de guarda hum soldado para o acompanhar á vergonha pelas ruas até que aquelle trambolho depois de pôdre lhe calisse a os pedaços. Sanctas eras! Aquillo he, que era tempo gostozo!

Quanto a escrever, se nem folhinhas era permitido imprimir no Brasil; porque tudo nos vinha do *sancto* Reino; como haveria liberdade de Imprensa? Como se escreveria, se ninguém se atabalçava a boquejar contra os Funcionarios publicos? Verdade he, que eu muito lamento, e por vezes hei altamente reprovado, a licença do prelo; mas infelizmente a condição da natureza humana he tal, que não ha bem, que não traga de parceria alguns males, ou inconvenientes, assim como não ha mal, que deixe de vir mesclado de alguma vantagem. Todavia comparados os bens, e males da liberdade da Imprensa, facil he demonstrar, que aquelles sobelevaõ muito a estes na balança das compensações sociaes.

As riquezas de então, com a qual não seião de dar-nos ligas os jeremias carpadores dos tempos antigos, estavaõ reconcentradas nas avarentas mãos de huma dúzia de estúpidos chumbeiros, que eraõ os gallos do commercio; tudo mais era pobre, e vivia quazi as esmolas desses pedagogos. Hoje achão-se mais disseminadas, e por isso avultaõ menos. V. Caridade entenderia, que a riqueza de hum paiz consiste no namerario? Se assim pensa, engana-se completamente. O dinheiro he como outra qualquer mercaderia. Hoje fazem-se muito mais propriedades, do que nesses tempos dos portos fechados; o tractamento das familias he incomparavelmente mais decente; ha' muito mais comedos, e recreios da vida; logo ha mais riqueza. Perdõe, V. Caridade, a limitação: e persuada-se, que nem sou cego panegyrista dos nossos tempos, nem detractor intollerante dos antigos — *Tu autem Domine miserere nobis. Deo gratias.*



O CARAPUCEIRO.

PERIODICO SEMPRE MORAL, E SO' PER ACCIDENS POLITICO.

Hunc servate modum nostri novere libelli

Parcere personis, dicere de vitiis.

Marcial Liv. 10. Epist. 33.

Guardarei nesta Folha as regras as,

Que he dos vicios fallar, não das pessoas.

PERNAMBUCO NA TYPOGRAFIA FIDELIGN DE J. N. D. MELLO.

Quatro palavras ao primeiro Numero do FRADE, Periodico da Bahia.

Benevolute, P.º Mestre. Vem-me ás mãos o 1.º N.º do Periodico de V. Caridade, ou Paternidade, Beverencia, ou Reverendissima, e nelle parece-me ter lido brigado o implicito desejo de gabar as cousas passadas, os tempos da *Amorosa* a despeito do que se passa nos nossos dias; pelo que talvez seja (não oso asseverar) d'aquelles espiritos carpidores, assim por modo de circundas, ou retrogradas, que suspirão pelas esbolas do Egypto, e só julgaõ cousa celestial o Governo de hum Rei bem des-aco, bloqueado de Fradaria ve-losa, e labiosa com ser competente *Secretissimo* Tribunal da Inquização,

obediencia de besta de carga, e faça Deus bom tempo.

„Dizia se em outro tempo (diz V. Caridade) que hum Frade depois de professar vivia somente para a Religião; porque d'aquella hora em diante era reputado morto para o seculo,, E d'aqui parece-me, quer, que se conclua, que os Frades, á maneira do rato heremita de La Fontaine devem entrincheirar se no queijo, isto he; no claustro, e ser indifferentes, ou nullos para a causa da Liberdade da sua Patria: mas se o Frade, arramangando os santos habitos, empunhando hum cetro fufalho ferrugento se põe á frente de uma guerrilha de realistas, proclamando, perseguindo, e mata em defesa dos *inconfessáveis* direitos de hum Rei absoluto; ah! não não morreo para o bem do;

Bom Frade, que vai de accordo com o seu Instituto! Não he assim, meu Reverendo? Basta, que um Frade escreva a favor da Liberdade de seus semelhantes para ser reputado hum relaxado, hum pedreiro livre, um impio, e quanto há de mau; porem se elle não só escreve ajoinhando o Throno com o Altar, endeezando os Reis, se não brandindo as armas em favor da *sagrada* Realza; não se falla mais na sua profissão, cumprio com o seu dever; e facil será encontrar na Biblia carraças de textos para provar a justiça, e sanctidade desse seu procedimento. Basta *Zelus domus tuæ comedit* me para conciliar tudo ás mil maravilhas.

E he só nos nossos dias, que muitos Frades tomão parte nos negocios do seculo? Religioso, e hum religioso era o P.^o Antonio Vieira, e foi encarregado de muitas missões, e negocios politicos em o Reino do D. João 4.^o de Portugal. Frade era o virtuoso Fr. Lourenço de Brindes, que teve a coragem de levar a os pés do Throno de Hespanha as queixas do Povo contra as vexações, e arbitrariedades dos Vice Reis de Napoles. E que outra coisa era, senão Frade Fr. Conrado d'Ascoli, depois canonizado, o qual além de outras muitas comissões de importancia foi encarregado pelo Papa Nicolau 3.^o de terminar as desavenças entre os Reis de França, e de Castella? Quem não conhece as façanhas de Fr. João de Capistrano, também canonizado, em os negocios da Hungria, e das proezas, que fez na celebre batalha de Belgarda? Hum. Fr. Jacob da Marcha não era Frade, depois igualmente canonizado, e na foi hum dos

cipaes Concellheiros do Imperadores Sigismundo, e Alberto? Que foi, se não Frade o famoso Cardenal Ximenes? E morreo para o mundo o grande S. Bernardo de Claraval, quando pregou, e dirigio huma das Cruzadas?

Todos estes, e milhares de outros, que por brevidade omitto, forão Frades; existiraõ em tempos muito anteriores á Constituição, e ás luzes do nosso seculo; e todavia metterão-se em os negocios publicos sem que ninguém se lembrasse de lhes lançar em rosto, que tinhaõ morrido para o mundo, expressão mais hyperbolicamente piedosa, q' verdadeira. Por mais que a impostura tenha procurado subtilizar as suas idéas, os Frades em todos os tempos forão homens, e como taes era impossivel, que todos fossem indifferentes ás cousas do mundo, em que viviaõ.

Tu achas que V. Caridade huma injustiça quando me considera hum cego, e absoluto detractor de tudo quanto he antigo, e p. negyrista apaixonado por quanto pertence a os tempos modernos. Eu não sou em verdade nem hum, nem outra coisa; e a prova he o meu mesmo Carapuceiro, que há tomado a tarefa de censurar os vícios ridiculos do nosso seculo. Se algumas vezes também tãquinhão nos antigos he por ver a pernice de certos retrogrados, que reprovaõ a eito quando se pratica hoje, e querem impingir-nos por antecristissimos, justo, e admiravel tudo quanto fizeraõ os nossos Maiores. Eu não conheço crime, depravação, immoralidade, hoje praticada, de que não possa indigitar muitos exemplos na tão gábadá Antiguidade.

„Sem contrariarmos o nosso ir-
mão Carandaciro, (prosegue V. Ca-
ridade) assistam-nos somente a per-
guntar-lhe. Existe hoje no Brazil da
mesma maneira que então existia o
respeito dos Templos, a modestia, e
os costumes doces do Sacerdote, o
poder da Religião, a Edificação, e a
Piedade do Culto, a fé publica, a fi-
delidade, e a Disciplina do Exército?
Via-se n'aquelle tempo, como hoje
vemos, atacar pela imprensa perso-
as, e clices sem motivos, nem razão
alguma, sem escapar o mesmo Go-
verno? Apparecerá hoje no Brazil a
riqueza, e tudo aquillo em fim, que
se diz o bem do Estado, como então
apparecia? „ Vou responder por par-
tes a V. Caridade, para o que peço
venia com o competente *Iube Don-
ne benedicere*. (Nós cá nos enten-
demos). Os costumes já foram melho-
res, e já foram piores incomparavel-
mente. Des d' o seculo 9.^o até o 16.^o
chegou a relaxação a hum ponto,
que mal se pode imaginar. Hum Pa-
pa (João 12) teve o de... de fa-
malizar hum tabella dos peccatos,
e o preço corrente, por que cada
hum podia ser absolvido, graça ven-
davel de que se valeo o Cardeal de
Lorena para si, e para mais 12 dos
seus familiares: e a Duquesa de Bour-
bon teve o naudicto privilegio de
hum absolvição plenaria em espec-
tativa, isto he; que obteve inteira li-
cença para peccar por toda a vida,
como em sua gaveta a remissão pre-
via. A *monita* secreta dos Jesuítas,
Cap. 14. auctorizava ao Superior pa-
ra absolver previamente de sodomia,
fornicatio, e outros peccadinhos da
me... a estôfa. E o que dizia dos Fra-
des dessas eras? Oh! que respeita-

garhões! *Vivão mui sancta,*
e... *desagente* com as Freiras, don-
de rezava hum linho propagação
de Frelinhos, que era hum paraizo.
Bispo deixava em seus testamentos
tantos, e quantos para os filhos, que
tinham, e para os que houvessem de
ter, se a morte os não rapasse; final-
mente em alguns paizes os Povos
chegaram a obrigar a os Padres a que
cada hum tomasse sua barregã, a fim
de ficarem em paz as donzellas, as
cazallas, e viúvas honestas.

Por esses tempos pouco mais ou
menos (no seculo 16) o Brasil não
tinha melhores costumes. Antes da
conquista Olinda este men Pernambuco,
e a sua Bahia, meu Reveren-
do collega, e irmão, vivia em hum
relaxação, e frascaria espantosas. A
gente de grande tom nesses tempos
não ia á Missa, pagava a hum pobre
para ouvi-la por elles, e as Senhorita-
tas já se não Confessavaõ; mandavaõ
sim ás Igrejas as suas mocinhas exi-
gir bilhetes de desobriga; e o mais
he, que muitos Padres tinhaõ a fres-
cura de lhos reverter promptamen-
te. Nesses tempos tão gabados havia
mais exterioridade, mais casca, do
que solida, e verdadeira Religião.
Os meninos sabião espivitadamente
quantas pipas tinha o mar, quantos
botões a caixa de Christo, e outros
despropositos do mesmo jaez; mas
ignoravaõ quem he Deos. Os Pa-
dres, e Frades eraõ mais graves,
mais sizulos; por éõ mais impostor-
es, e perigosos. He verdade, que
não frequentavaõ os prostibulos das
heres mundanas, nem as tinhaõ
de mão posta com tanto descaramen-
to, como hoje alguns as tem, mas
a capa de virtude, e piedade,

com contas bentas, com veronhemzeduras, e outras sanctimúas corrompião donzellas, e dishonestavaõ viúvas, deturpava cazados, tudo mui *honestamente*, e com os olhos no Ceo. Ainda hoje existem familias e familias descontentes do Vigario Falano, do P.^e Provincial de S. Francisco, do Abbade de S. Bento, do Prior do Carmo, etc. etc; e não havia Constituição, nem quem nella sonhasse no Brasil. Remanava então em toda a sua plenitude a antiga doutrina de Deos no Ceo, Rei na terra.

O chamado exercito d'aquelles tempos tinha com effeito toda a disciplina de besta de carga: o soldado era hum verdadeiro captivo do Aspeçada, este do Barril, o Sargento do Cabo, o Cabo do Sargento, o Sargento do Alferes, e assim progressivamente até o Sub. Capitão General, que era hum verdadeiro Bachá. Não haviaõ *rugis*, o Povo tinha a tranquillidade propria do captiveiro; mas hum badameco, chamado Juiz de Fora prendia por empenhos, e a quem lhe parecia, arrancava mulheres cazadas a seus maridos, que não ousavaõ fugir, nem mugir, e com ellas viviaõ de publico: hum Dezenburgador da Relação era hum Rei pequeno, e hum Capitão General tinha mais poderes, que hum Bey de Argel. Carregava de ferros por *dá cá aquella pulha*; sumia em lobregas mamorras a pais de familias, degradava, assoitava, e ninguem lhe podia ar á mão. O aterro dos Afogados, este meu Pernambuco foi amassado com lagrimas, e

sangue dos miseros lóvos em o Governo do Verres D. Thomaz Józé de Mello. Este Bachá era tão desembaiñado em seus despotismos, que p.^o que hum pobre homem (talvez para matar a fome) pescou hum peixinho no viveiro, que elle D. Thomaz chamava seu; mandou pendurar-lhe o mesmo peixe a o pescôço, e poz lhe de guarda hum soldado para o acompanhar á vergonha pelas ruas até que aquelle trambolho depois de pôdre lhe cahisse a os pedaços. Sanctas e ras! Aquillo he, que era tempo gostozo!

Quanto a escrever, se nem f. linhas era permitido imprimir no Brasil; porque tudo nos vinha do *santo* Retiro; com a haveria liberdade de Imprensa? Como se escreveria, se ninguem se atrevera a boquejar contra os Funcionarios publicos? Verdade he, que era muito lamentoso, e por vezes he altamente reprovado, a licença do prelo; mas infelizmente a condição da natureza humana he tal, que não ha bem, que não traga de porem alguns males, ou inconvenientes. E não he má a má, que de se de vir misturado de alguma vantagem. Todavia comparados os bens, e males da liberdade da Imprensa, facil he demonstrar, que aquelle sube elevaõ muito a estes na balança das compensações sociais.

As riquezas de então, com a qual não seião de de nos *os* as jerências arpidores dos tempos antigos, estavaõ reconhecendo nas a ventas mãos de huma dúzia de estúpidos chumbeiros, que eraõ os gallos do commercio; tudo mais era pobre, e vivia quazi as esmolas desses pedagogos. Hoje a elhao-se mais disseminadas, e por isso avultaõ menos. V. Caridade entenderia, que a riqueza de hum paiz consiste no nomenclario? Se assim pensa, engana-se completamente. O dinheiro he como outra qualquer mercadoria. Moeda fazem-se quito mais propriedade, do que nees tempos dos mortos fechados; o tractamento das familias he incomparavelmente mais decente ha muito mais commodos, e recreios da vida; logo ha mais riqueza. Perdõe, V. Caridade, a antagão; e persuada-se, que nem sou cego paigyrista dos nossos tempos, nem detractor intolerante dos antigos — *Se autem Domine miserere nobis. Deo gratias.*